



**A LITERATURA COMO ELEMENTO DE HUMANIZAÇÃO NA FORMAÇÃO
ACADÊMICA: UM CONTRAPONTO AO PRODUTIVISMO**

DOI: 10.17058/barbaroi.v62i2.11566



José da Silva Oliveira Neto

Universidade Estadual do Ceará – UECE – Brasil

Antonio Dário Lopes Júnior

Universidade Estadual do Ceará – UECE – Brasil

Ruth Maria de Paula

Universidade Estadual do Ceará – UECE – Brasil



Resumo:

A formação acadêmica tem sido permeada por exigências cada vez mais voltadas para as demandas do capital, o que vem consolidando o produtivismo por parte de docentes e discentes causando automação do processo de ensino e aprendizagem. Baseados na Ontologia Marxiano-Lukacsiana, e, de modo particular na Psicologia Histórico-Cultural, com o intuito de contribuir para a reflexão sobre o academicismo nas instituições de ensino superior, este estudo objetiva discutir o papel da literatura na formação acadêmica. Trata-se de um estudo de natureza teórico-bibliográfica, utilizando a Revisão Narrativa de Literatura (RNL) como caminho metodológico específico; assim, foram acessados artigos, livros, dissertações e teses vinculados aos temas “produtivismo”, “formação acadêmica” e “literatura”. Nesse sentido, entende-se que a literatura, como forma de linguagem e arte, pode ser um elemento de promoção de fortalecimento da consciência, integração entre cognição-afeto, bem como de emancipação frente às implicações do capital no ensino superior e em seus processos de ensino-aprendizagem. Obviamente, há clareza dos limites impostos pela materialidade, no

entanto, acredita-se que, pela via da literatura, docentes e discentes possam compartilhar experiências acadêmicas uns com os outros e repensar sua formação como futuros profissionais que atuarão na sociedade.

Palavras-chave: Formação acadêmica; Literatura; Produtivismo.

Introdução

O lema “publique ou pereça” tem permeado a formação acadêmica na contemporaneidade, com isso alunos e professores vivem um cotidiano de exigências que atendem a aspectos de natureza quantitativa em detrimento da qualidade da formação humana integral. Com demandas cada vez mais voltadas para o metabolismo do capital, o produtivismo vem atingindo frontalmente os docentes em sua produção e na rotina de trabalho, repercutindo também na formação de estudantes tanto da pós-graduação e da graduação que já sofrem os rebatimentos da lógica em tela, causando uma automação do processo de ensino e aprendizagem (BIANCHETTI; MACHADO 2009; BIANCHETTI; VALLE, 2014). Em decorrência de tal fato, o antagonismo entre sentido e significado tem provocado fissuras nas condições de vida, no trabalho docente e na formação universitária (DA MOTA; LEHER, 2017).

Assim, conforme Mészáros (2011), a chamada sociedade do conhecimento e o determinismo tecnológico têm se configurado em linhas ideológicas que seguem de acordo com os propósitos do capital global no âmbito da educação, especialmente no contexto da crise do capital, cujo ápice remonta aproximadamente, à década de 70 do séc. XX. A pós-graduação no Brasil, sob essa lógica, vem sendo reconfigurada a partir do final do mesmo século, pautada em um modelo de avaliação atrelado ao financiamento (BIANCHETTI; MACHADO, 2009).

Com efeito, a lógica quantitativa segue na contramão da qualidade das produções acadêmicas bem como na condição de vida e trabalho dos professores, o que atinge também a qualidade do ensino e da aprendizagem nos cursos de graduação. Da Mota e Leher (2017) reconhecem que a universidade brasileira, consolidada tardiamente, é engendrada pelo capitalismo dependente brasileiro, sendo esse o viés determinante do conhecimento produzido academicamente. Para o autor, a valorização da cultura geral, tornava comum encontrarmos um físico escrevendo sobre arte. No entanto, sob o signo do produtivismo, a cultura geral na

universidade passa a ser submetida à lógica utilitarista e pragmática, disfarçada de metas humanistas.

Nessa perspectiva, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES) foi criada na década de 1950, dentro do plano das políticas de desenvolvimento de Juscelino Kubitschek, visando um monitoramento e extinção de professores não qualificados nas Instituições de Ensino Superior (IES). Durante o regime militar, especialmente após a elaboração dos planos nacionais de pós-graduação, o órgão começou a participar da elaboração das políticas de desenvolvimento científico, por meio das Associações Nacionais de Pós-graduação – criadas, em sua maioria, de maneira induzida por esta mesma coordenação (BIANCHETTI, 2009).

Uma vez atingida a meta de formar professores, os cursos de Mestrado e Doutorado precisaram passar a formar pesquisadores (KUENZER; MORAES, 2005). Tal medida tinha como corolários controle, premiação e punição. Tal fato, vem definitivamente interferindo na expansão da produção de ciência no país, que ultrapassou 2% na produção de ciência em escala global, porém transformou o professor-pesquisador em mais um operário (BIANCHETTI; MACHADO, 2009; SAVIANI, 2011).

Seguindo a esteira marxiano-lukacsiana, assinala-se que a uma dada materialidade ocorre uma subjetividade correspondente (BOGO, 2008). Desse modo, o produtivismo acadêmico, orientado pela lógica do mercado, acaba por afetar a subjetividade dos alunos em sua caminhada acadêmica, comprometendo sua formação. E é nesse panorama de subjetividades engendradas e consubstanciadas pela lógica e pelo metabolismo do sistema capitalista de reprodução que se quer situar a função da literatura – enquanto linguagem – como aporte humanizador na formação acadêmica; constituindo-se, assim, como um contraponto, isto é, uma outra possibilidade para os antagonismos e rebatimentos do capital (MÉSZÁROS, 2011).

Luria (1979a; 1979b) define que a linguagem é um processo psicológico que se faz possível mediante o trabalho, ainda que trabalho e linguagem sejam processos interdependentes, o que quer dizer que não existe uma dependência direta entre eles. Todavia, em consonância com o que explicam Engels (2006) e Lessa e Tonet (2011), a ação do homem sobre a natureza foi fundamental para que as condições materiais possibilitassem um novo mecanismo de troca de informações entre os seres humanos (LEONTIEV, 1978; VIGOTSKI, 1995).

Existe uma relação dialética entre o homem e o mundo, na qual, quando o homem age sobre o mundo o transformando, carrega consigo mudanças provocadas pelo mundo, é uma relação de multideterminação (MARX, 2009). É nesse ínterim em que surge a linguagem, que, de acordo com Vigotski (1995), tem uma natureza teleológica, isto é, possui uma finalidade. Nessa perspectiva, Silva (2011) explica que existem finalidades primárias e secundárias, sendo as primeiras responsáveis por transformar os produtos da natureza, enquanto as segundas conectam os seres humanos em comunicação uns com os outros (VIGOTSKI, 1995). É ao lado das finalidades secundárias da linguagem que literatura se encontra (BARROCO; SUPERTI, 2014).

Sobre o potencial presente na literatura, Lessa e Tonet (2011) esclarecem que a história material-cultural da humanidade se fixa nos instrumentos que criamos, como os textos literários. Ainda sobre o reconhecimento da literatura como linguagem que comunica essa história, Vigotski (2008) e Leontiev (1978) explicam que, como a função psicológica linguagem é uma forma de complexificação do trabalho humana, ela pode contribuir para o fortalecimento da consciência em processos educacionais. É nesse sentido que apontamos a necessidade da discussão sobre a literatura como possibilidade de humanização-emancipação dentro de um sistema de educação atrelado e metabolizado pelo capitalismo (CASTILHO et al, 2014; MÉSZÁROS, 2008).

Mészáros (2008) explica que uma educação emancipatória é aquela que se compromete com um projeto de ensino-aprendizagem para além do capital. A literatura como expressão de linguagem e arte pode ser um contraponto tendo em vista que facilita o acesso à herança material-cultural humana outrora alienada (BARROCO; SUPERTI, 2014; KONDER, 2009; MARX; ENGLÉS, 1988). Nessa mirada, ancorando-se na ontologia marxiano-lukacsiana, aponta-se para a potência da literatura como instrumento de humanização nas relações humanas e, mais especificamente, naquelas que se dão dentro do contexto universitário e que se referem aos processos de ensino-aprendizagem. Ademais, acredita-se que a literatura pode funcionar como estratégia para as práticas de ensino-aprendizagem dentro do contexto universitário, atuando na contramão dos rebatimentos do capital e da lógica do produtivismo, que foi caracterizada anteriormente (ALVES, 2017; BIANCHETTI; VALLE, 2014; BIANCHETTI; MACHADO, 2009; CHAÚÍ, 1999; DA MOTA; LEHER, 2017).

Considerando a problemática apresentada, este estudo, portanto, objetiva debater o papel da literatura na humanização da formação acadêmica, de modo que, para atender esse objetivo, o

texto se organizará em torno de uma pergunta, a saber: “Em que medida a literatura pode vir a ser em aporte humanizador na formação acadêmica?”. A seguir estão descritos os caminhos metodológicos escolhidos e as discussões nas quais serão apresentados os aspectos fundamentais que levaram a situar a literatura como possibilidade de humanização na formação acadêmica.

Método

Este estudo se insere dentro das perspectivas qualitativas de pesquisa em Educação. Minayo (1993) explica que a investigação qualitativa tem por objetivo o aprofundamento nas particularidades da realidade ou do processo estudado; assim, a pesquisa qualitativa busca descrever as idiosincrasias daquilo que resolvemos estudar, não tendo interesse em generalizar os achados e os sentidos produzidos ao longo do processo de pesquisa, mas sim de apontar para a particularidade e para a singularidade (YIN, 2016). Outro aspecto deste estudo é que ele é de carácter eminentemente teórico-bibliográfico, o que significa que as relações propostas se embasaram em artigos, livros, dissertações e teses vinculados às temáticas “produtivismo”, “formação acadêmica”, “literatura” e “humanização”.

De forma mais específica, quanto à estratégia metodológica utilizada para o levantamento dos materiais tomados como base para a reflexão, foi utilizada a Revisão Narrativa de Literatura (RNL), que, de acordo com Rother (2007), trata-se de um movimento de aproximação da literatura científica não orientado pela necessidade de esgotar as produções acerca de um tema a partir de critérios específicos de inclusão e de exclusão; antes, a RNL aponta para o processo pessoal de apropriação dos pesquisadores sobre uma temática, revelando a caminhada e o percurso de acesso à literatura utilizada. Assim, utilizando essa ferramenta teórico-bibliográfica, este estudo bebeu das contribuições da Ontologia Marxiano-Lukacsiana e da Psicologia Histórico-Cultural para produzir reflexões que dessem conta de ampliar a compreensão do papel da literatura na formação acadêmica.

Este estudo ainda se insere dentro de uma tradição científica ligado ao Materialismo Histórico-Dialético como método de exploração-análise da realidade (NETTO, 2011). Nesse sentido, busca-se entender o objeto a partir dos fluxos e influxos da história que o constitui, entendendo que somente assim se pode articular corretamente teoria e prática, apontando para

a dimensão da práxis como pontos de partida e chegada da pesquisa científica (ABRANTES; SILVA; MARTINS, 2005; GONÇALVES; YAMAMOTO, 2015).

Discussões

Conforme Saviani (2011), historicamente, a universidade tem na pesquisa o objeto de sua atividade central, uma vez que o tripé ensino, pesquisa e extensão constitui elemento fundamental para a formação acadêmica. Atividades como iniciação à docência, pesquisa científica e atividades extensionistas possibilitam aos discentes um amplo repertório de conhecimentos teórico-práticos. No entanto, o autor reconhece que a universidade tem diante de si uma escolha entre alternativas: a primeira segue a tendência prevalecente na qual a universidade cada vez mais se verga ante as imposições do mercado (CHAUÍ, 1999). A segunda tem sua possibilidade condicionada na eliminação da primeira, uma vez que implica na transformação do próprio projeto econômico em torno do qual a sociabilidade contemporânea se movimenta (MARX, 2008; MARX; ENGELS, 2009; 1988).

Dessa maneira, Saviani (2009) sugere que, embora todos os processos sociais, dentre eles, a educação no contexto do ensino superior, tenham sido metabolizados pelo capitalismo, há a possibilidade de uma ação pedagógica emancipatória, a qual se sustenta sobre um terreno fértil diferente daquele que é pertinente ao capitalismo e às suas variabilidades. Há, portanto, a necessidade da superação do capital na perspectiva de uma educação emancipadora (LIMA, 2009; MÉSZÁROS, 2008). Vigotski (2004a) também sugere que, quando a educação é reorganizada no sentido de priorizar o fortalecimento da consciência do aprendente, constroem-se possibilidades de superação da lógica social vigente.

Nesse sentido, embora se reconheça a relevância da pesquisa universitária, estudos recentes têm denunciado o produtivismo (BIANCHETTI; MACHADO, 2009; BIANCHETTI; VALLE, 2014; JIMENEZ, 2007; SAVIANI, 2011, DA MOTA; LEHER, 2017) como elemento de (de) formação acadêmica e, porque não dizer, de (de)formação humano-social. Evidencia-se a exigência de metas a cumprir, pontos a alcançar como diagnóstico de excelência acadêmica, no qual medidas quantitativas pretendem configurar o grau de excelência em detrimento da qualidade das formulações teóricas dos docentes. Em nome das metas a alcançar, as universidades seguem a reboque da lógica da reprodução do capital ignorando a formação humano-genérica (LUKÁCS, 1978).

Chauí (1999) denuncia o aumento insano de horas-aula, a redução do tempo para cursar mestrado e doutorado e a avaliação puramente quantitativa, perfil da universidade operacional¹. Assim, observa-se a precarização do trabalho docente nas universidades, onde se encontra enorme carência de professores efetivados por concurso público, preenchida por professores substitutos (BIANCHETTI; VALLE, 2014). Estes, por sua vez, estão sobrecarregados e não possuem um plano de cargos e carreiras que atenda às suas necessidades: uma realidade que interfere na formação acadêmica e no desenvolvimento humano e social concernente ao processo educacional. Com isso, Chauí (1999) contesta o modelo atual acadêmico, reflexo do capital e de aparente subjetivismo, que prejudica o ensino amplo e desenvolvedor de uma consciência crítica. Considera-se que tal modelo incide negativamente na práxis profissional por sofrer os revezes da alienação, aspecto que será posteriormente desenvolvido.

Apoiados na ontologia marxiano-lukacsiana, reconhece-se, em Lukács (1978), que, na reprodução social, consciência e linguagem ocupam um lugar absolutamente importante. Vigotski (2008) nos explica que a linguagem não é meramente um mecanismo evolutivo que garante a comunicação, mas sim uma conquista ontológica que sintetiza todo o percurso da história, pois nela está contida um espectro que vai do elemento biológico mais elementar até o processo de socialização mais complexo. É dessa forma que mecanismos de linguagem tais como a literatura podem contribuir para a veiculação de uma educação comprometida com valores para além do capital, voltando, necessariamente, ao trabalho como condição ontológica e eliminando o processo de alienação na relação entre ensino e aprendizagem (LANE, 1985; LESSA; TONET, 2011; MÉSZÁROS, 2008; 2011).

Lima (2009) reconhece que a linguagem é uma categoria que responde a uma necessidade social surgida a partir da relação dos homens com a natureza. Em consonância com Luria (1979a), a autora assinala que a linguagem nos permite atuar sobre a consciência dos nossos pares, tanto em seu formato verbal como em seus formatos estéticos (pintura, escultura, cinema, literatura etc.). Daí que haja uma queda na qualidade na formação acadêmica: em virtude da secundarização da qualidade em nome da supremacia quantitativa, gravitando em

¹ Chauí (2009), em seu artigo intitulado “A universidade operacional”, narra que tem havido um processo de reforma do Estado brasileiro. Esse processo se define na modernização e na racionalização das atividades estatais, redefinidas e distribuídas em setores. Nesse contexto de mudanças, insere-se a universidade operacional, a qual se traduz pela prestação de serviços, o que lhe confere um sentido bastante determinado de autonomia universitária; expressando-se, assim, por termos como “avaliação universitária”, “qualidade universitária” e “flexibilização da universidade”. Nesse panorama, a universidade operacional se define como uma organização, uma vez que não apresenta uma atuação ligada ao compromisso social.

torno do número de artigos publicados e do impacto dessa produção representada pelo número de citações oriundo das publicações, o aspecto humanizador presente nos veículos de linguagem tem sido substituído por uma produção de linguagem alienada (BIANCHETTI; MACHADO, 2009; BIANCHETTI; VALLE, 2011).

De acordo com Vigotski (2006), a arte congrega a capacidade estética de unir elementos que, em nossa experiência com a cultura, costumam estar separados, por exemplo: objetividade e subjetividade; razão e emoção; interno e externo; cognição e afetividade etc. O autor descreve que a arte tem esse potencial uma vez que, como produto humano, tem em si as contradições que potencializam reflexões, pensamentos e novas percepções acerca da relação do humano com a realidade. Trata-se, assim, de um processo de integração e fortalecimento da consciência.

Especificamente a literatura, como expressão de linguagem e arte, (BARROCO; SUPERTI, 2014), carregando consigo a herança material e cultural produzida pelo homem e no homem mediante o trabalho (MARX, 2008), pode figurar como estratégia de superação das dicotomias já mencionadas tão caras à ordem capital de metabolização da vida. Nesse sentido, também se aponta para o fato de que, em seu uso reintegrador da subjetividade com a objetividade, a literatura pode atuar no fortalecimento da relação teoria-prática (práxis) nos processos de ensino-aprendizagem na educação superior, promovendo, portanto, afastamento de epistemologias burguesas, as quais somente contribuem para com a reprodução do capital e das suas exigências (LACERDA JÚNIOR et al, 2010).

Algumas iniciativas (CASTILHO et al, 2014), no que toca à intervenção no processo ensino-aprendizagem no contexto da universidade, já foram executadas. Sendo assim, destacam-se resultados bastante significativos em atividades vinculadas a um projeto de extensão do curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, o que repercutiu, conforme evidenciam os autores, na oferta de atividades de psicologia mais humanizadas e conectadas com as necessidades das famílias que buscavam o atendimento. A partir dos problemas detectados, foram propostas soluções relacionadas às dificuldades encontradas nesse campo.

A título de exemplificação, algumas das estratégias empregadas frente à problemática percebida foram a oferta de livros de literatura da recepção da clínica-escola, bem como a estruturação de rodas de conversa com os usuários do serviço sobre temáticas adjacentes às

obras de literatura disponibilizadas na recepção do serviço. Ademais, os autores comentam que livros literários também foram utilizados pelos professores responsáveis por algumas das disciplinas do curso durante esse período, atuando na integração entre o cognitivo e o afetivo. Nesse sentido, Vigotski (2004b) aponta benefícios latentes na união entre os múltiplos aspectos que irrigam o psiquismo humano, uma vez que, na verdade, como aponta o autor bielorrusso, não existe cognição sem afeto e vice-versa.

Nesse cenário, aponta-se que a práxis, isto é, a harmonia entre teoria e prática, pode ser um caminho potente para a superação da desumanização presente na formação acadêmica. Conforme apresentado anteriormente, projetos de extensão podem se constituir ferramentas poderosas frente à (de)formação humana durante a formação acadêmica. Nesse sentido, apresentamos a literatura como plataforma para essa ação (BARROCO; SUPERTI, 2014), o que poderá gerar consciência fortalecida entre discentes e docentes acerca do lugar que a produção deve ocupar, a saber: o de construção ontológica, não de reprodução alienada da vida.

Com efeito, assinala-se que consciência é categoria-chave na Psicologia Histórico-Cultural (VIGOTSKI, 1995), reconhecendo que os sentidos e significados trazem a relação entre objetividade e subjetividade tão cara à práxis, como momento predominante do exame e transformação do real em movimento, sendo a linguagem a materialização da vida objetiva e mediadora de novas conexões de consciência quando vinculada sob o formato da arte (VIGOTSKI, 2008). Dessa forma, a literatura também pode contribuir na produção dos sentidos não alienador e na compreensão da realidade concreta que é vivida pelo homem.

A inserção da literatura nas atividades formativas verificadas na formação durante o ensino superior fortalece, portanto, a relação dialética entre consciência e linguagem. Ora, Vigotski (1995) reconhece que, para se entender o que uma pessoa diz, não basta saber o que significa (culturalmente) a palavra, mas também entender o que o sentido carrega no campo da subjetividade e quais possíveis marcas se estabeleceram na identidade do sujeito, contribuindo para uma consciência livre das amarras da alienação, devido a embates oriundos do sofrimento político gestado pelo capitalismo (BOGO, 2008; SAWAIA et al, 2017).

Prosseguindo, no exame da relação entre consciência e linguagem, o autor compreende que a unidade de análise para esses processos é o significado da palavra, asseverando que a linguagem sem significado é um som vazio, sendo a linguagem a materialização do

pensamento. Esse processo pode ser mediatizado corretamente via literatura, enquanto forma e expressão de linguagem e arte, uma vez que veicula os significados e os sentidos presentes na palavra quando usada, por exemplo, como estratégia humanizada de ensino-aprendizagem (BARROCO; SUPERTI, 2014). Nesse esteira teórica, há que se notar os revezes da alienação no sistema capitalista de produção a fim de se compreender de que maneira esse processo reverbera na consciência dos sujeitos envolvidos no ensino superior e como a literatura pode potencializar um caminho mais humanizado de subjetivação e aprendizagem para docentes e discentes.

Nesse sentido, convém que se detalhe como a alienação se enraíza socialmente. Marx (2009) revela que ela acontece nos mais variados níveis e esferas da vida humana: na ciência, na religião, na arte, na economia, na política etc. Konder (2009), por sua vez, evidencia, como apontado anteriormente, que a alienação é um processo histórico mediado pelos interesses do capital e pelos seus rebatimentos históricos. A atividade vital e prática do ser humano é mercantilizada. Mészáros (2016) explica que a alienação ocorre em quatro sentidos específicos, a saber: 1) como não reconhecimento do homem em seu próprio o trabalho (atividade vital); 2) como não reconhecimento do homem naquilo que produz a partir do trabalho; 3) como não identificação do ser humano com sua espécie (gênero) e; 4) como incapacidade de se identificar em outro ser humano.

São o primeiro e o segundo níveis do processo de alienação que interessam a fim de se compreender de que maneira as consciências dos sujeitos envolvidos no ensino superior são atingidas, uma vez que a produção acadêmica se constitui produto da ação docente e discente sobre o mundo, de seu trabalho (MARX; ENGELS, 1988). Nesse sentido, o fenômeno da alienação alcança a atividade acadêmica retirando dela seu sentido ontológico e qualitativo, produzindo, assim, uma atividade na qual os sujeitos envolvidos nesse processo não se identificam, eminentemente quantificadora. Como consequência desse processo, conforme Marx (2008) afirma, o produto que se cria a partir do trabalho humano se torna estranhado, não sendo significado como extensão da sua atividade intelectual-laboral.

Fortalecendo a defesa, a literatura, por possibilitar a superação das dicotomias capitalistas e, portanto, fortalecer a consciência no sentido da integração cognição-afeto, desponta como um recurso alternativo para a formação acadêmica, podendo ser utilizada como metodologia nos processos de ensino-aprendizagem (BARROCO; SUPERTI, 2014; CASTILHO et al, 2014; FREIRE, 2016), já que, nesse cenário, são inúmeras as consequências negativas sobre a

consciência dos indivíduos envolvidos na construção do conhecimento na universidade frente à fragilização e à fragmentação que ocorre mediante divisão do trabalho, propriedade privada e troca (LANE, 1985; MARX; ENGELS, 1988; MÉSZÁROS, 2008; LEONTIEV, 1978).

Considerações Finais

Frente às implicações do produtivismo acadêmico nas relações de ensino-aprendizagem no ensino superior, a literatura pode se tornar um contraponto à alienação proveniente dos ecos do capital sobre a formação acadêmica. Algumas experiências vinculadas a projetos de extensão têm reforçado esse olhar, podendo ser adaptadas e ampliadas para outros contextos em conformidade com a realidade em questão. Essa possibilidade só se faz concreta pelo fato de a literatura, em termos psicológicos, congrega os mecanismos da linguagem e da arte, facilitando a integração entre cognição e afeto e a superação das dicotomias tão caras ao capital: objetividade x subjetividade; razão x emoção; interno x externo etc.

A Ontologia Marxiana-Lukacsiana e a Psicologia Histórico-Cultural apontam para um lugar de importância da literatura dentro dos processos de ensino-aprendizagem, uma vez que, para a primeira, a literatura pode nos conectar com elementos de identificação com o gênero humano e, para a segunda, a literatura pode ampliar a integração do psiquismo humano. Em ambos os casos, há uma convergência interpretativa de que a literatura humaniza o homem e contribui para sua emancipação uma vez que o fortalece frente aos ecos do sistema do capital. Nota-se, entretanto, que, apesar de haver um assaolho teórico que sustente essa relação, julga-se necessário que, em experiências futuras, pesquisas empíricas sejam efetuadas no sentido de uso da literatura como estratégia humanizadora das relações de ensino-aprendizagem no ensino-superior.

A literatura pode atuar como elemento humanizador na formação acadêmica na medida em que congrega em si uma parte importante da herança material-cultural humana a qual é sistematicamente negada aos sujeitos da aprendizagem, uma vez que não é do interesse do capital que a nossa formação humana seja integral. Antes, seu interesse é que o conhecimento seja mutilado, garantindo a manutenção desse maquinário e conectando discentes e docentes com uma produção que muito mais se importa em corresponder a prerrogativas quantitativas do que expressar a relação homem-mundo através de um trabalho produtor de sentidos ligados à ontologia social do ser humano. Por fim, reconhecendo os limites da literatura como

recurso, a ideia veiculada não é a de que ela seja o destino para a humanização da formação acadêmica, mas sim como um dos recursos que possam ser utilizados na luta contra o capital.

LITERATURE AS AN ELEMENT OF HUMANIZATION IN ACADEMIC EDUCATION: A COUNTERPOINT TO PRODUCTIVISM

Abstract:

Academic training has been permeated by demands increasingly focused on the demands of the capital, which has consolidated productivism on the part of teachers and students, causing automation of the teaching and learning process. Based on Marxian-Lukacsian Ontology, and, in particular, on Cultural-Historical Psychology, with the purpose of contributing to the reflection about academicism in higher education institutions, this study aims to discuss the role of literature in academic education. This is a theoretical-bibliographical study, using the Narrative Literature Review (NLR) as a specific methodological path; thus, articles, books, dissertations and thesis linked to the themes "productivism", "academic education" and "literature" were accessed. In this sense, it is understood that literature, as a form of language and art, can be an element to promote the strengthening of consciousness, integration between cognition and affect, as well as emancipation from the implications of capital in higher education and its teaching-learning processes. Obviously, there is clarity about the limits imposed by materiality, however, it is believed that, through literature, teachers and students can share academic experiences with each other and rethink their training as future professionals who will act in society.

Keywords: Academic training; Literature; Productivism.

LA LITERATURA COMO ELEMENTO DE HUMANIZACIÓN EN LA FORMACIÓN ACADÉMICA: UN CONTRAPUNTO AL PRODUCTIVISMO

Resumen:

La formación académica ha sido permeada por exigencias cada vez más centradas en las demandas del capital, lo que ha consolidado el productivismo por parte de profesores y

alumnos provocando la automatización del proceso de enseñanza y aprendizaje. A partir de la ontología marxiana-luciana y, en particular, de la psicología histórico-cultural, con el fin de contribuir a la reflexión sobre el academicismo en las instituciones de enseñanza superior, este estudio pretende discutir el papel de la literatura en la formación académica. Se trata de un estudio teórico-bibliográfico, utilizando la Revisión Narrativa de la Literatura (RNL) como vía metodológica específica; así, se accedió a artículos, libros, disertaciones y tesis vinculadas a los temas "productivismo", "formación académica" y "literatura". En este sentido, se entiende que la literatura, como forma de lenguaje y arte, puede ser un elemento que promueva el fortalecimiento de la conciencia, la integración entre cognición y afecto, así como la emancipación de las implicaciones del capital en la educación superior y sus procesos de enseñanza-aprendizaje. Obviamente, hay claridad sobre los límites que impone la materialidad, sin embargo, se cree que, a través de la literatura, profesores y alumnos pueden compartir experiencias académicas entre sí y repensar su formación como futuros profesionales que actuarán en la sociedad.

Palabras clave: Formación académica; Literatura; Productivismo.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, A. A; SILVA, N.R (Org.); MARTINS, S. T. F. (Org.). **O Método histórico - social em Psicologia Social**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

ALVES, Estefanni Mairla. **Do aperfeiçoamento ao controle da formação: as metamorfoses da avaliação da pós-graduação em educação no Brasil**. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Educação- Mestrado) - Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza-Ceará, 2017.

BARROCO, S.M.S.; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & sociedade**, v. 26, n. 1, p. 22-31, abr. 2014.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. Publicar & morrer!? Análise do impacto das políticas de pesquisa e pós-graduação na constituição do tempo de trabalho dos investigadores. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 28, p. 53-69, 2009.

BIANCHETTI, L; VALLE, I. R. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 89-110, jan./mar. 2014.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

CASTILHO, L.S. et al. Considerações sobre a humanização do atendimento odontológico a pacientes com deficiências de desenvolvimento a partir de um projeto de extensão. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v.5, n.1, p. 19-25, set. 2014.

CHAUÍ, Marilena. A Universidade Operacional. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior**. Campinas; Sorocaba, SP, v. 4, n. 3, 1999.

DA MOTTA, Vânia Cardoso; LEHER, Roberto. Trabalho docente no contexto do retrocesso do retrocesso. **RTPS-Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. 2, n. 3, p. 243-258, 2017.

ENGELS, Friedrich. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (1876). **Revista Trabalho Necessário**, São Paulo, v. 4, n.4, 2006.

GONÇALVES, R. M. P.; YAMAMOTO, O. H. Fundamentos teórico-práticos da psicologia social: um debate histórico e necessário. **Revista Psicologia Política**, v. 15, n. 32, p. 17-31, 2015.

JIMENEZ, S. V.; SEGUNDO, M. D.M. Erradicar a pobreza e reproduzir o capital: notas críticas sobre as diretrizes para educação do novo milênio. **Cadernos de Educação**, Pelotas. v.28. p. 119-137, janeiro/junho, 2007.

KONDER, Leandro. **Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KUENZER, Acacia Zeneida; MORAES, Maria Célia Marcondes de. Temas e tramas na pós-graduação em educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1341-1362, set/dez. 2005.

LACERDA JÚNIOR, Fernando et al. **Psicologia para fazer a crítica? Apologética, individualismo e marxismo em alguns projetos psi**. Tese (Pós graduação em psicologia-Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica - Campinas, 2010.

LANE, Silvia Tatiana Maurer. Psicologia social: o homem em movimento. In.: _____. **Psicologia Social: uma nova concepção do homem para a Psicologia**. 3. ed. Brasiliense, 1985. p. 11-19.

- LIMA, Marteano Ferreira de. **Trabalho, Reprodução Social e Educação em Lukács**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação- Mestrado) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará. 2009.
- LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa, Livros Horizonte, 1978.
- LUKÁCS, George. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. Temas de Ciências Humanas, tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: **Livraria Editora Ciências Humanas**, n. 4, p. 1-18, 1978.
- LURIA, Alexander Romanovich. **Curso de psicologia geral: introdução evolucionista à psicologia**. v.1. 2.ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979a.
- LURIA, Alexander Romanovich. **Curso de psicologia geral: linguagem e pensamento**. v.4. 2. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1979b.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O capital: crítica de economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1988.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Ed. 2. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MÉSZÁROS, István. **A crise estrutura do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MINAYO, M.C.S; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de saúde pública**, v. 9, n.3, p. 237-248, jul/set, 1993.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **O Futuro da Universidade: entre o possível e o desejável**. Fórum Sabedoria Universitária. Unicamp, Campinas, 2009. Disponível em https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2013/Trabalho_Comunicacao_oral_idin_scrito_1841_3aa1bb7f62748c0672919fb73a7856f0.pdf. Acesso em 18 de outubro de 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2011.

SAWAIA, B. et al. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 1. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2017.

SILVA, Natália Ayres. **Trabalho e linguagem na obra de AR Luria: um estudo à luz da ontologia marxiana**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira-Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-ce, 2011.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Obras escogidas**. Madrid: Visor. 3. ed. 1995.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica. In: _____. **Teoria e método em psicologia**, 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. p. 203-417, 2004a.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico**. 1.ed. Madrid: Ediciones Akal, 2004b.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch . **Psicología del arte**. Barcelona: Paidós, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. 1. ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

Sobre os autores:

José da Silva Oliveira Neto é doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (2022 - atual). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (2020-2021). Especialista em Psicologia clínica Histórico-Cultural pela Faculdade de Quixeramobim (2018-2019). Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará (2014-2019).

Psicoterapeuta histórico-cultural e professor-fundador do Núcleo de Psicologia Histórico-Cultural do Ceará. Email: netooliveirapsi@gmail.com.

Ruth Maria de Paula Gonçalves faz Estágio Pós-doutoral em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014), Doutora em Educação Pela Universidade Federal do Ceará (2001-2006), Mestrado em Educação pela Universidade de Londres (UL) Inglaterra (1996 - 1999), Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (1988 - 1992). Professora do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: ruthm.goncalves@uece.br.

Antonio Dário Lopes Júnior é Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (2018-2022). Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (2014-2016). Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará (2008-2012). Professor Substituto do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: adlopesjunior@hotmail.com